

INTRODUÇÃO

Dos muitos motivos que levam um sujeito a migrar, existem várias correntes teóricas que explicam as origens, os motivos e as consequências do processo migratório. Cabe, já de início, discutir a relação do sujeito nas ciências sociais, a fim de entender como este se relaciona com os demais e no movimento migratório. Apoiados na Fenomenologia para entender as características que fazem os (i)migrantes sujeitos de suas ações. Segundo essa corrente, dentro dos estudos relacionados ao Lugar, observa-se que este não é um ponto no espaço, mas é deste ponto que o indivíduo se torna sujeito, portanto, "capaz de engajar-se no mundo, capaz de pensar no mundo, e de se encontrar nele" (Seamon 2012: p. 5)¹. Do ponto de vista de Lefebvre, existe uma janela na concepção de Lukács que permite entender o sujeito dentro de uma visão hegeliana, já que este sujeito está determinado em redescobrir o objeto. Ainda de acordo com Lefebvre, tais construções sobre o sujeito continuam, se analisarmos o trabalho de Sartre, que vê no Outro a concretização da degradação do sujeito - uma linha negativista que se alinha com as ideias encontradas em Hegel e em Heidegger. Marx, como descreve Lefebvre, procura outra linha de pensamento, encontrando no sujeito/no outro uma complexidade, que o faz tanto alienado como desalienado, simultaneamente (Lefebvre 2005: p. 19). Sobre o movimento migratório, poucas são as linhas de pensamento que buscam entender o processo do ponto-de-vista do (i)migrante, o que demonstra um distanciamento entre a teoria e a prática migrante. Pesquisadores parecem desconhecer a realidade do processo migratório sob a ótica do sujeito e conjecturam sobre a realidade com base nas massas, nos números, e nos dados oficiais. Dessa forma, demonstram esquecer que cada experiência é única, e que de cada experiência, é possível apreender novas realidades e novas verdades.

¹ Cf. Holzer 2001

Em busca de uma narrativa (i)migrante, este estudo baseia-se na história de vida do autor que, entre 2002 e 2006 esteve migrando, primeiramente para a Europa, a bordo de um navio de cruzeiros e, logo após, vivendo nos Estados Unidos da América na maior parte desse período. Será baseado nessa segunda experiência que o foco da narrativa se dará, ainda que não se esqueça da primeira experiência e de outras experiências anteriores que o narrador considera importantes no seu próprio processo. As definições dadas pelo narrador não serão analisadas de imediato, cabendo uma primeira aproximação entre a narração e a teoria com uma discussão combinada, baseada nas ideias de Abdelmalek Sayad e outros teóricos correlatos. Propõe-se confrontar diretamente a narrativa (i)migrante com outras histórias de vida e uma análise das mesmas com estudos sobre o movimento migratório de brasileiros nos EUA; no final, elencar-se-ão as teorias migratórias, as concordâncias e as idiossincrasias destas proposições teóricas com as narrativas, a fim de demonstrar a necessidade de uma concepção de movimento migratório para além dessas proposições vistas individualmente.

As linhas teóricas incluídas nesta pesquisa foram selecionadas pela relevância de suas publicações, incidência em meios acadêmicos e importância de alguns de seus autores, considerando, portanto, sua influência nos meios acadêmicos e possivelmente sua significância nos veículos de comunicação de massa.

Em Massey et al. (1993), observam-se alguns dos aspectos teóricos condizentes à nossa pesquisa. As ditas teorias **neoliberais** compreendem o movimento migratório como sendo parte inerente do processo capitalista, seja por uma construção do capital, seja por uma visão de mundo que privilegia a liberdade dos sujeitos. Em ambos os casos, os autores dessa linha de pensamento acreditam que o processo de migrar é construído pelo sujeito, em resposta aos estímulos criados pelo capital, em âmbito global, com uma certeza de que os próprios são responsáveis pelo processo em si, independentes de quaisquer forças outras que os impeçam ou mantenham-nos nos seus territórios de origem.

Outra forma de avaliar o processo de migração é aquele dado pelas correntes teóricas **lógico-estruturais**, em que os sujeitos migram como uma resposta ao processo estrutural do capital internacional. Nessa linha de pensamento, os fatores *push-pull* criam ambientes favoráveis ao processo, no qual os sujeitos somente respondem aos elementos ambiental-econômico-sociais, não tendo uma liberdade

a priori do processo migratório, já que a estrutura cria uma resposta autômata do sujeito.

Sob a ótica das teorias baseadas na **mobilidade do trabalho**, há, de certa forma, uma evolução das propostas anteriores, quando os autores reconhecem um movimento dado por uma série de fatores, em que o processo pode acontecer por decisão do sujeito ou não, mas que é diretamente mediado pela atividade laboral, seja ela qual for. O trabalho, como analisado por Marx, é inerente à natureza humana e, portanto, é também motor das atividades humanas na transformação na natureza. No entanto, a análise dessa linha de pensamento considera a observação em uma escala maior, desconsiderando os fatores individuais de cada processo, de cada sujeito, de cada experiência.

Por último, nesta seara, poderão ser vistas as contribuições das teorias **fenomenológicas**, nas quais o foco no sujeito é o objetivo principal, onde cada história é contada, a fim de compreender-se como as estruturas e os fatores influenciam o sujeito, compreendendo o movimento daquele indivíduo dentro de um processo que é maior do que o próprio. As visões dessa linha de pensamento são enriquecedoras, mas apagam a percepção do movimento migratório como para além de uma escala micro, o que então desfaz o processo enquanto movimento, e o coloca enquanto um efeito, localizado e limitado.

Analisando as correntes teóricas e contrastando-as entre si, é possível visualizar o quanto cada uma pode contribuir para as discussões sobre o movimento migratório. Essa pesquisa deseja contribuir para a análise do processo migratório na sua percepção holística do mesmo processo, visto pela interseção das teorias existentes e também pela narrativa de (i)migrantes, a fim de pôr à prova o quanto o dado empírico é dinâmico, complexo e multiescalar. Por outro lado, fica visível que nenhuma delas é capaz de entender o processo migratório como um todo, desde a escala mundial, à escala do sujeito, perpassando pelas influências e relações em rede, além da necessidade de observar os contextos histórico, científico, dialético, etc. nos quais essas teorias foram elaboradas e como suas metodologias trabalham o processo migratório.

A fim de por à prova essas correntes teóricas, este estudo promoverá o diálogo da história de vida (Menezes 1992) de um (i)migrante com as mesmas, e depois, trabalhar-se-á na reconstrução do sujeito e de sua história de vida. Dessa forma, pode-se estabelecer que, nesta pesquisa, o objeto principal é o movimento

migratório, exemplificado nas histórias de vida (i)migrante como apoio para a compreensão desse vasto processo. Este objeto concede à Geografia o entendimento do processo como um todo, já que permite sua desconstrução, quando analisado sob diferentes óticas, e sua reconstrução, na totalidade do sujeito (i)migrante, em sua narrativa e metanarrativas, a fim de ser compreendido como um sujeito único, singular e indivisível, resultante de um processo que se explica como sendo um fato social total (Sayad 1998).

De forma a esclarecer os elementos presentes na narrativa e nas metanarrativas dos (i)migrantes, esta pesquisa objetivará estabelecer um diálogo entre as histórias de vida coletadas e as principais correntes teóricas explicativas do processo migratório. Ao buscá-las, tem-se o intuito de observar em cada uma delas elementos que auxiliem no desenvolvimento de uma percepção do processo migratório, de acordo com as suas escalas de análise e seus principais atores regentes. Por fim, estabelecer-se-á uma relação entre essas teorias com o objetivo de construir um pensamento de análise do movimento migratório mais integrador, e assim sendo, mais complexo e relacional.

Tendo tais elementos em mente, pode-se visualizar a questão norteadora desta pesquisa, que é: como as histórias de vida podem auxiliar na compreensão da complexidade nas teorias migratórias e no movimento dos (i)migrantes, entre o Brasil e os EUA? A fim de conseguir uma resposta satisfatória a esta pergunta, far-se-á a divisão desta pesquisa em três momentos, os quais também deverão responder a questões norteadoras específicas em cada capítulo: (1) Como a experiência de um (i)migrante pode exemplificar um processo observado nas múltiplas vivências no espaço?; (2) Como validar a história de vida apresentada nessa pesquisa comparando-a com outras histórias em contextos similares e outras pesquisas sobre brasileiros nos EUA?; e (3) De acordo com as diferentes correntes de pensamento sobre o processo migratório, como a teoria se relaciona com a empiria explicitada nessa pesquisa?

Por último, nas considerações finais, rever-se-ão as proposições de análise das teorias migratórias observadas em justaposição aos demais posicionamentos analíticos e a outros exemplos empíricos. Através de outras histórias de vida, teremos a revisão das propostas levantadas a fim de acrescentar, dentre as correntes já existentes, uma proposta mais integrada do processo, considerando o sujeito (i)migrante na sua totalidade.

O caminho a percorrer nas discussões propostas nos levam a crer que algumas categorias de análise deverão ser revistas. Decerto, o movimento migratório inicia-se pelo **(i)migrante**, derivação da dicotomia e-migrante/i-migrante, terminologia discutida por Abdelmalek Sayad (1998), quando este autor reconhece a duplicidade do movimento de e-migrar/i-migrar, considerando o sujeito como parte da ação e, portanto, construtor do seu devir – acrescentando nesta discussão o fato de que o processo é multidirecional, logo, todo migrante emigra e imigra, caracterizando esta multiplicidade pela grafia “(i)migrante”. Ainda com essa linha de pensamento, é imprescindível acrescentar que o estudo migratório cria uma problemática na ausência desse sujeito, que Sayad acredita não ser uma questão, mas um fato, um elemento do processo — onde o (i)migrante não é presente em nenhum lugar por completo. Por último, Sayad aponta a negociação da cultura trazida com o (i)migrante e a existente no Lugar de Destino (Bourdieu e Wacquant 2000). Vale lembrar que, sobre essa discussão, Sayad (1998, p. 20) diz:

“[...] Quando a imigração se transforma, principalmente sob a influência do contato prolongado e cada vez mais intenso com a sociedade ambiente, mas também, de forma secundária, sob a influência da evolução que se delineia em escala internacional e de que um dos efeitos é precisamente a emigração a partir de determinados países, quando não de continentes inteiros, em direção a outros determinados países, os países desenvolvidos, que são todos países de imigração ou países em via de se tornarem tais, que se revela para a ordem política da nação — e das nações — a soma dos pressupostos sobre os quais repousa a imigração (ou a emigração). [É nesse momento,...] que os paradoxos colocados pela imigração (e pela emigração), e que até então estavam latentes, mascarados como o quer a ortodoxia nacional, explodem em pleno dia. E, sem dúvida, os discursos atuais sobre a imigração, que são chamados de ‘apaixonados’ (i. e., irracionais) e que tratam, na verdade, não dos ‘outros’, da alteridade (i. e., do que não sou eu), mas de si, da identidade do eu [...] que caracteriza ao sentimento de que a imigração, em sua forma atual, constitui uma provocação para a ordem nacional, uma espécie de desafio para o conservadorismo social e político que os dominantes desejam manter e, mais amplamente, todos aqueles que têm interesse (e com frequência interesses simbólicos mais do que interesses materiais) na manutenção do status quo”.

Outra categoria utilizada é a **rede**, como levantado por Oswaldo Truzzi (2008), definida como uma complexa relação de laços interpessoais, de contatos recorrentes, responsável pela assimilação e filtragem de informações das mais variadas localidades para dentro de si, e assim, com características que se distinguem para cada sujeito nela envolvido. É através desse artifício que surge a cultura migratória, específica de cada lugar, movendo sujeitos para determinados destinos.

Tal pesquisa propõe uma outra aproximação à temática migratória, já que o observado na academia coloca a fala dos migrantes captada pelo pesquisador, que então a transcreve e analisa (Sasaki *apud*. Póvoa Neto e Ferreira, 2005; Firmeza, 2007; Rezende, 2009, para citar alguns); por outro lado, essas falas só são percebidas no desenvolvimento das comunidades de imigrantes e da inserção de alguns membros no mercado das publicações de ficção, os escritos/relatos², ora em sua íntegra, ora dando base para um novo romance, permite o entendimento do processo migratório para além das análises estatísticas dos demógrafos.

Pretendemos dar ao leitor uma visão diferenciada: enquanto o autor narra suas experiências, ele mesmo é capaz de analisar e buscar, na sua memória, situações e sentimentos que melhor expressam o verdadeiro confronto entre ele, a sociedade na qual ele está inserido, a sua bagagem de emigrante e toda a teia de relações — sociais, espaciais, temporais, de poder, etc. — na qual ele se encontrava inserido.

Tal efeito é descrito por Marilda Menezes (1992) como história de vida, uma técnica desenvolvida pela autora no Centro de Estudos Migratórios (CEM), entre os anos de 1987 e 1989. O CEM trabalha dando apoio ao Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), um movimento dentro da Igreja Católica Romana inspirado na Campanha da Fraternidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CF-CNBB) de 1980, que continha uma indagação clara e direta aos migrantes no/do Brasil (“Para onde vais?”). O SPM foi oficialmente criado somente em 1986, inserindo-se na CNBB através da linha da “Pastoral Social”, funcionando, hoje, com sua sede nacional localizada na cidade de São Paulo³.

² Sobre as histórias relatadas de migrantes, ver, por exemplo, o trabalho da professora Sonia Torres, da UFF (**TORRES, Sonia**. “*Nosotros in USA: Literatura, Etnografia e Geografias de Resistência*”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001); escritos literários com base em relatos de migrantes podem ser encontrados facilmente no mercado, mas destacamos a beleza dos escritos de Tayeb Salih, em especial, a sua obra “*Tempo de Migrar para o Norte*” (São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2004).

³ Cf. <http://spmigrantes.wordpress.com/quem-somos/>, acessada em 29/03/2015.